



## **A Produção Audiovisual na Escola como Mecanismo de Integração e de Difusão de Valores<sup>1</sup>**

Ivana Esteves Passos<sup>2</sup>  
Centro Universitário Vila Velha (UVV)

### **RESUMO**

A alfabetização audiovisual na escola para empoderamento social do jovem, na premissa da integração para transformação social. O artigo discute a necessidade de se preparar os jovens para a interatividade preconizada com a TV digital, apesar do formato de inclusão digital pela televisão ainda ser uma incógnita no Brasil. Parece ser de fundamental importância se pensar a preparação do emissor para ter parte nesse processo. A TV precisa entrar nas escolas, na formação de alunos e conseqüentemente dos professores, muito mais como objeto de estudo de seus processos, visando o desenvolvimento de atitudes refletidas e ativas com a TV, do que como recurso e meio. Esse trabalho faz um recorte do uso da TV na potencialização da proposta pedagógica do Projeto Colorir, de educação para a paz na escola, realizado no Espírito Santo, e como elemento integrador da comunidade do entorno.

**PALAVRAS-CHAVE:** empoderamento; alfabetização; televisão; integração.

### **TEXTO DO TRABALHO**

O presente artigo coloca em pauta o debate acerca do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) como propiciadoras de integração comunitária e de articulação de valores sociais, com vistas à mobilização para mudança, potencializando experiências educativas não-formais. Advém da vivência de cinco anos como jornalista atuante em TV comercial; em nove anos como docente em uma instituição de ensino superior, atuando na condução, dentre outras, da disciplina de comunicação comunitária em sala de aula e; há dez anos como orientadora da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); professora do Curso de Comunicação Social e coordenadora da TV REDE UVV, do Centro Universitário Vila Velha (UVV); pesquisadora do Observatório da Mídia Regional, da UFES. E-mail: ivanaesteves@yahoo.com.



produção de conteúdo na TV REDE UVV, integrante do Canal Universitário do Espírito Santo. Ao entrecruzar dessas vivências somou-se a oportunidade de compor comunicação com a educação no estudo do Projeto Pedagógico Colorir, realizado há 7 anos em uma escola do município da Serra, um dos mais violentos do Espírito Santo. O objetivo bem sucedido tem sido a articulação de ações, envolvendo arte e formas alternativas de comunicação visando o resgate na auto-estima do alunado e da comunidade do entorno e a consequente redução dos índices de violência escolar. O projeto já utilizou literatura, música, contação de história, desenho e rádio para condução da proposta, inspirada na educação de valores humanos do educador japonês Tsunessaburo Makiguti<sup>3</sup>, cuja premissa é que a:

formulação do objetivo da educação deve se originar das realidades da vida diária, levando em conta toda a amplitude da vida humana, mas ao mesmo tempo considerando as necessidades específicas da família, da sociedade e da nação. O objetivo da educação, quando abordado em uma estrutura abrangente como esta, leva inevitavelmente à felicidade como elemento básico da aprendizagem humana. (MAKIGUTI, 1999, p.35.)

Essa reflexão inusitada sobre a educação, deixando implícita a importância do diálogo para se estabelecer objetivos comuns, aliada à proposta de paz entrelaçada nas ações do Projeto Colorir suscitaram a modelagem de um programa de alfabetização audiovisual, cujos parâmetros são menos focados na técnica como ferramenta ilustrativa e mais na perspectiva de socialização do conhecimento, a fim de propiciar mecanismos de expressão e de operacionalização de discursos presentes na vida cotidiana.

Trata-se de estimular a compreensão e posteriormente, o uso da TV no ambiente escolar, como ativação dos conteúdos reflexivos advindos do Projeto Colorir. A premissa é trabalhar os valores e talentos dos jovens em experimentações criativas com o audiovisual. A articulação da comunicação por meio dessas técnicas, tem o propósito de viabilizar a inserção social e o desenvolvimento da autonomia individual, o audiovisual.

Com o advento da TV Digital e dos processos de interação que se prenunciam, a presença da alfabetização audiovisual das crianças e dos adolescentes das escolas públicas deve ser vista como prioridade no campo educacional, a fim de que a

---

<sup>3</sup> Tsunessaburo Makiguti (1871-1944) foi revolucionário educador japonês, criador da teoria da educação de valores humanos e fundador da Soka Gakkai, uma organização não governamental, cuja premissa é a educação para a paz. É autor da obra Educação para uma Vida Criativa, Record, 1999.



interação seja uma prática, e que o indivíduo seja capaz de dominar a linguagem televisiva a fim de não ser alvo de sua dominação.

As questões inquietantes e que suscitam o presente artigo abrangem a importância do entrecruzar do processo de mídia-educação com incentivo à participação do indivíduo nas escolas públicas; o estímulo ao conhecimento da linguagem da televisão com vistas ao desenvolvimento da autonomia do indivíduo e a utilização das técnicas de comunicação como modo de sentir o outro, não apenas ver o outro. E também para promover a auto-reflexão, a conscientização e a elaboração de mensagens positivas e transformadoras, reforçando a expansão de valores humanos.

No contexto escolar a incorporação das tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo da TV tem se dado mais na vertente da sua possibilidade de colaboração no aprendizado e como ferramenta na perspectiva da capacitação tecnológica. O presente estudo da televisão visa o desvendar de seus “truques”, que servem ao processo de alienação social. Tal abordagem é pouco explorada nas escolas públicas, mas traduz-se em uma forma de violência, a violência simbólica, constatada por Bourdieu como

“[...] uma série de mecanismos que fazem com que a televisão exerça uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica. A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também com frequência dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.” (1997, p. 22).

A despeito dessa violência simbólica, os meios são uma “escola” que acontece paralelamente no cotidiano pessoal de cada aluno, colaborando como um dos vértices da construção do cidadão, ao lado da escola e da família, como sugere Fígaro:

as formas de aquisição de saber mudaram e assim o produto dessa nova configuração pedagógica – o indivíduo moderno e o conteúdo de seu aprendizado e de suas práticas também assumiram outras feições. (...) hoje a informação e o saber estão pulverizados em várias linguagens e disseminados em vários veículos e instituições produtores de bens simbólicos. (2004, p. 49).

O ponto de tensão nesse contexto é a circulação de uma multiplicidade de saberes incontroláveis. Ainda citando Fígaro,

nossos cidadãos são deixados à deriva em sua condição de telespectadores, ou seja, não lhes é facultado um instrumental que lhes permita selecionar a programação e passar a exigir qualidade. [...] Hoje o saber está disperso e é veiculado por várias linguagens, o que acarreta o fato de alunos chegarem à escola já alfabetizados na chamada linguagem videotecnológica. (2004, p.49).



Outra questão discutida é a relação entre comunicação e educação que se estende para além de questões mercadológicas e do aperfeiçoamento tecnológico. Para Fígaro,

“[...] ela pertence ao campo das relações constituído pelas mediações culturais, uma aproximação dos mundos da comunicação e da educação que leva em conta a construção da cidadania e a dialogia que caracteriza a comunicação”. (FÍGARO, 2004 p. 51).

Lembrando Freire “[...] *o diálogo se impõe como o caminho pelo qual os homens ganham significação*” (1983, p. 93). A relação entre comunicação e educação deve ressaltar questões como a conquista da cidadania, do empoderamento social, além de ser vista como um processo facilitador de relações. Como previa o autor em 1983, a educação para ser mais eficaz precisa fazer uma composição com a comunicação. Essa relação é que pretendemos com esse trabalho de pesquisa, uma vez que é possível se perceber uma dissonância entre o que é e o que pode vir a ser para permitir uma conquista da autonomia individual, da cidadania.

O objetivo é analisar a problemática imbricada na relação educação e comunicação, tendo como enfoque os usos do audiovisual nas escolas públicas. A pesquisa desenvolvida junto ao Projeto Colorir compreende ações de investigação dos usos atuais do material televisivo na escola, também uma pesquisa de midiabilidade para conhecimento da cultura audiovisual dos integrantes do projeto. Contemplando questionamentos tais quais: horas de exposição ao audiovisual diariamente, período do dia em que essa exposição se dá, preferências de programação, formas de acesso.

Também buscaremos compreender a percepção desses jovens sobre a diferença entre os discursos jornalísticos e da propaganda e seu entendimento e também dos professores acerca dos mecanismos anônimos, por meio dos quais a televisão pode, como observou Bourdieu, *ocultar mostrando*.

A partir da discussão sobre a forma como as imagens e as informações midiáticas, informacionais e ficcionais são incorporadas pelos indivíduos, pretende-se preparar alunos e professores para uma integração da TV na escola como fonte de aprendizagem, de expressão e de crítica social, por meio da presença de um educador comunicador.

Apesar de ser um consenso entre alguns teóricos da educação (FISCHER, 2001; BELLONI, 2005) da importância do debate refletidamente crítico das mensagens televisuais nas escolas e de ter-se desenvolvido em algumas escolas do país, com



reconhecimento do Ministério da Educação, uma experiência de um Programa de Formação de Telespectadores, constata-se ainda a falta de conhecimento mais específico dos professores que atuam nas escolas públicas. Isso tem dificultado resultados positivos dessa experimentação.

Como nos coloca Belloni (2005, p.89):

a experiência da utilização do Programa Formação do Telespectador corrobora esta afirmação já que, apesar de os materiais serem de fácil aplicação e do o Manual do Professor conter instruções e sugestões de aplicação, os professores não o estão utilizando.

Tal fato reforça a necessidade de uma experiência de mídia-educação na premissa da formação teórica, social e prática, por meio da intervenção do educador na aplicação do projeto pedagógico de Formação do Telespectador na escola, no viés extra-curricular, como complemento aos processos previstos na grade curricular normal, na vertente da educação para a cidadania.

Essa premissa do desconforto com a inserção da televisão no contexto escolar refletida por Gutierrez se mostra ainda mais enfática, sobretudo quando o enfoque é o estudo do conteúdo televisivo. Como nos apresenta Belloni, em seus estudos de mídia-educação e nos resultados de pesquisas empíricas que tentam compreender como os alunos se apropriam das técnicas de informação e como se dá o processo de incorporação desse saber no âmbito das escolas públicas,

o professor que participa destas experiências deve estar capacitado não apenas para dominar os conteúdos da disciplina específica, mas também para dominar as novas linguagens típicas dos suportes tecnológicos utilizados. [...] As tentativas de inovação metodológica, por exemplo, as práticas inspiradas no construtivismo, têm se chocado com a resistência dos professores que, apesar do discurso inovador ou construtivista, não transformaram em quase nada sua prática pedagógica efetiva e continuam a ser formados para repetirem velhas pedagogias, quase sempre sem novas tecnologias (BELONNI, 2005, p.).

Apesar da constatação de pontos de resistência, tem sido ampliado no Brasil o espaço destinado à televisão na área da educação pública. Sob a premissa da necessidade de a TV ser inserida como meio para melhorar o ensino básico, o Ministério da Educação instituiu na rede pública uma série de aparatos tecnológicos (videocassetes, televisores, antenas parabólicas) visando oportunizar a recepção e gravação de programas televisivos. E, instituiu um projeto de formação continuada de professores da Educação Básica, para dar conta da *utilização, no cotidiano escolar, dos recursos*



*proporcionados pelas novas tecnologias da comunicação e da informação.* (LEITE e REBOUÇAS, (Orgs), 2005, p.10).

Segundo Leite (2005, p.46):

“[...] o curso de extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje teve a sua organização e formatação a partir de um trabalho de equipe operacionalizado pela Secretaria de Educação a Distância SEED/MEC em parceria com a Universidade Virtual Pública do Brasil – UniRede, e é oferecido para os professores do ensino fundamental e médio de todo o país. A premissa do Ministério da Educação é a de contornar o insucesso escolar. A tecnologia atualizaria os professores, dinamizaria o processo de ensino-aprendizagem, atrairia os jovens e crianças, estimularia a pesquisa nas escolas... (LEITE, 2005, p.42)

Essa iniciativa, somada aos programas educativos nos canais abertos e à expansão dos serviços de TV a cabo, também vem permitindo o aumento do acesso das escolas à produção televisiva. Contudo esses acessos parecem só ampliar o uso da televisão como recurso. Segundo Fischer (2001, p. 112)

“[...] a TV e o vídeo no ensino fundamental e médio, são tratados, geralmente, como meros recursos didáticos que podem, eventualmente, atenuar o desinteresse dos alunos. Presos a suas rotinas (temáticas e metodológicas) e despreparados para o uso desses meios, os professores, em sua maioria, não conseguem articular organicamente os audiovisuais contemporâneos ao processo pedagógico. A presença dos equipamentos em grande parte das redes públicas não significa que eles estejam sendo usados com proveito. Em inúmeras escolas, mesmo, eles permanecem sem uso algum.” (2001, p. 112)

A proposta desse projeto de pesquisa é de que a TV entre na escola como objeto de estudo da televisão para formação de cidadãos.

Cabe, sim educar para uma compreensão objetiva e crítica da linguagem e das mensagens da TV, para a identificação de como ela funciona enquanto mídia comercial, de como ela interage com as realidades sócio-culturais e políticas no mundo todo, mas de modo especial no Brasil (FISCHER, 2001, p. 113).

O Reino Unido tem investido num processo de alfabetização para a mídia, com enfoque particular sobre a televisão.

A idéia é aumentar a participação do público no controle social da TV, cada vez mais difícil num mundo onde a oferta de canais cresce rapidamente. [...] Para isso, é preciso que ele saiba como funcionam as emissoras, quais seus objetivos comerciais e culturais, com que recursos trabalham e quais são suas responsabilidades sociais – além de entender como o material que vai ao ar é coletado, selecionado e editado. E, mais do que isso, a alfabetização para a mídia quer tornar qualquer cidadão capaz de produzir um programa de TV, partindo da idéia de que, sabendo fazer, a cobrança fica mais fácil e consistente (LEAL FILHO, 2006, p.167)



Exatamente essa é a tônica desse estudo, que deverá se desenvolver na vertente da interposição da comunicação pela TV como um processo facilitador das relações, e da construção do conhecimento, visando o desenvolvimento dos processos de conquista da autonomia de alunos e professores em seu cotidiano escolar e para além dos muros escolares. Resgatando a premissa de Bordenave, que é a convocação de alunos e professores a *terem parte* no processo de apropriação do audiovisual na escola, Ferreira e Boneti, colocam o destaque de Castoriadis à questão da autonomia no auto-reconhecimento e no conhecimento do outro.

“[...] a autonomia seria o domínio do consciente sobre o inconsciente, pois se o sujeito tomar para si o discurso do Outro ele se tomará por algo ou alguém que verdadeiramente não é. Assim, deverá reconhecer o discurso do Eu do discurso do Outro. É inevitável que cada um tome para si o discurso do Outro, pois é nesse discurso que cada um reconhecerá a si e ao Outro, diferenciadamente.” (FERREIRA E BONETI, 2001, p. 35)

O pensamento de Castoriadis remonta o ponto de vista de Adorno (2006, p. 79) de que,

“[...] é necessário ensinar os espectadores a verem televisão. [...] ver tevê sem ser iludido, ou seja, sem se subordinar à televisão como ideologia. [...] desde o início esse ensino deveria conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias; deveria protegê-las ante identificações falsas e problemáticas, protegendo-as sobretudo em face da propaganda geral.”

Ao fazer referência à identificação, Adorno nos coloca a necessidade de que se pense em introduzir nas escolas um processo de aprendizagem, de leitura e análise de telejornais, propaganda, filmes e obras ficcionais, tornando professores e alunos, capazes de estabelecer uma distinção e uma integração de conteúdos e formas, possibilitando a esses agentes, avaliar os discursos da mídia e também reconhecer representações forjadas para sua assimilação.

Contudo, o uso do audiovisual deve se dar na vertente de propiciar um autoconhecimento, uma reflexão, visando a instituição escolar como comunidade, com identidade própria e valores próprios a serem desenvolvidos por meio da alfabetização audiovisual. E, a partir da “leitura” do audiovisual, encaminhar alunos e professores a descortinarem por meio do meio de comunicação suas histórias de vida e identidades próprias. A linguagem audiovisual constituiria assim um espaço para *intercâmbio de experiências do cotidiano*, reflexão resgatada em Paiva (2003, p.92).

[...] um elo espiritual, por meio do qual os indivíduos se acham em condições de expressar seus pensamentos, repassar fundamentos, vivificar as normas, enfim, eternizar o grupo. Mas a linguagem é também o elo concreto, na medida em que graças a ela se consegue definir um grupo, uma comunidade, um território.

Há que se observar o papel da mídia, no caso do presente estudo a TV, na concepção do imaginário popular e sobretudo na construção da história do cotidiano, que é tecida na aquisição de valores e de crenças absorvidos no processo de interação com a TV.

Os meios seriam o elo material que viabilizaria o contato entre os sujeitos. Por meio deles se dá a difusão do material significativo que estrutura as interações como interações discursivas. Pensada de tal maneira, a mídia é vista como uma realidade eminentemente empírica cuja análise envolve a identificação da materialidade própria do meio, a caracterização da escala de ação e as técnicas próprias de organização dos elementos significantes. (VAZ e ANTUNES, apud, GUIMARÃES e FRANÇA, orgs, 2006, p. 57).

Advém daí a conotação de comunicação no sentido relacional, de troca efetiva à qual pretende-se que seja impressa nessa pesquisa. É um modelo de prática comunicacional, como nos coloca o Doutor em Educação, Valter Filé, (apud LIMA, 2007, p.185). visando a alteridade e as singularidades próprias de cada indivíduo.

Em minhas experiências em comunicação e educação, tenho me interessado, fundamentalmente, por duas questões. A primeira: [...] práticas comunicacionais mediadas pelas linguagens audiovisuais em/com pequenos grupos. [...] As práticas comunicacionais com as quais tenho me envolvido compreendem um trabalho junto a pequenos grupos que estão à margem do campo da produção midiática, fomentando apropriações e experiências de participação coletiva no campo da linguagem da mídia audiovisual, redimensionando o uso de tal mídia com base nas questões dos sujeitos envolvidos.

Por isso a necessidade da intervenção de um educador, no processo de lapidação da audiência televisiva e para sua educação como telespectador não alienado, como nos coloca Bezzon (2005, p. 138).

A influência e o poder da mídia (TV), na formação da memória coletiva apontam para a necessidade de trabalhos interdisciplinares entre diferentes saberes e, particularmente, entre educadores e comunicadores para que a educação formal e não formal e uma educação não-formal transformem-se em educação não-plural.

A partir do descortinar dos processos de produção audiovisual, preparar os agentes para o futuro da televisão, cujo encaminhamento é o da interatividade, por meio da TV Digital e para além dela. Para Bezzon (2005, p.133).



[...] a TV caminha para ser transmitida inteiramente via internet [...] a internet põe nas mãos do telespectador meios muito mais eficazes para influir diretamente no conteúdo da programação. Ele pode, simultaneamente, ver e escrever um e-mail sobre o que está sendo transmitido. A nova tecnologia transforma o bit no portador e ao mesmo tempo no modificador da difusão dos meios de comunicação. É preciso aprender a nova TV a partir da cultura do bit.

Esse trabalho está focado em revisar as *falsas promessas da comunicação*, como nos coloca Wolton (2004, p.35), numa proposta de retomar a comunicação sob o paradigma democrático:

A comunicação é um meio de entrar em contato com o outro, que é o horizonte, aquilo que cada um deseja e teme ao mesmo tempo, porque abordar o outro nem sempre é tarefa fácil. Só a comunicação possibilita o gerenciamento dessa relação ambivalente entre eu e outro. A linguagem está no centro dessa experiência e isso explica o sucesso de todas as técnicas que, aos poucos, levaram mais longe o som da voz, a imagem do rosto, nessa busca sempre difícil da relação com o outro, na qual se misturam o simples desejo de expressão e a vontade de compreensão mútua. (WOLTON, 2004, p.57).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W, **Educação e Emancipação**. 4.ed. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2006.
- BELLONI, Maria Luiza, **O que é mídia-educação – polêmicas do nosso tempo**. 2.ed. São Paulo, Editora Autores Associados, 2005.
- BEZZON, Lara Crivelaro, org. **Comunicação, Política e Sociedade**. São Paulo, Editora Alínea, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- CRUZ, Renato. **TV digital no Brasil – Tecnologia versus política**. São Paulo, Ed. Senac, 2008.
- FERREIRA, Liliana Soares e BONETI, Lindomar Wessler. **Educação e Cidadania**. 2 ed. Rio Grande do Sul.
- FÍGARO, Roseli. **Gestão da Comunicação**. São Paulo, Editora Atlas, 2005.



FISHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação – fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2001.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Relações que a TV e a escola propiciam aos educandos**. Texto disponível em 15 agosto 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100017&script=sci_arttext). Acesso em: 26 agosto 2009).

HERNANDEZ, Nilton. **A mídia e seus truques**. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

LEAL FILHO, Laurindo. **TV sob controle**. São Paulo, Summus Editorial, 2006.

LEITE, Juçara Luzia e REBOUÇAS, Moema Martins, orgs. **TV ESCOLA – trajetória, reflexões e vivências no Espírito Santo**. Espírito Santo, Núcleo TV Escola/UFES, 2005.

LIMA, Rafaela, org. **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2007.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada à sério**. São Paulo, Ed. Senac, 2003.

MAKIGUTI, Tsunessaburo. **Educação para uma vida criativa**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1999.

(MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Texto disponibilizado em 2001. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20 etnogr para%20Monica.htm>. Acesso em: 26 agosto 2009).

PFROMM NETTO, Samuel. **Telas que ensinam – mídia e aprendizagem: do cinema ao computador**. 2 ed. Campinas, Editora Alínea, 2001.

GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera, orgs. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2006.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2004.